

Informe **Macroeconômico** ETENE

ano 6, n.8, Agosto 2026

**Nordeste mantém atividade acima da média
nacional no 1º semestre de 2026**



**Banco do
Nordeste**



Nordeste mantém atividade acima da média nacional no 1º semestre de 2026

Apresentação

O Informe Macroeconômico Etene - agosto de 2026 apresenta uma leitura abrangente da conjuntura econômica do Nordeste, a partir dos indicadores mais recentes disponíveis. Dados indicam que a atividade econômica regional, no acumulado dos 12 meses até junho, observou desempenho superior ao do País – o Nordeste cresceu 2,4%, ante 1,5% do Brasil. O comércio varejista também permaneceu dinâmico na maior parte dos estados da Região, enquanto o turismo se destacou pelo avanço de 30,2% dos desembarques internacionais nos aeroportos nordestinos, no primeiro semestre de 2026.

Ao longo do documento, são analisados os principais indicadores da atividade produtiva e do mercado de trabalho. Na indústria, o Nordeste registrou retração de 0,2% no primeiro semestre, em contraste com o crescimento de 1,5% no País, embora Pernambuco tenha se destacado com expansão de 10,9%. Nos serviços, Alagoas, Paraíba e Sergipe apresentaram crescimento acima da média nacional no acumulado de 12 meses até junho. Já o mercado de trabalho formal nordestino, apesar da desaceleração no primeiro semestre, mostrou desempenho relativamente melhor do que o nacional, com os serviços exercendo papel relevante na geração de postos de trabalho.

O Informe aborda ainda a evolução dos preços, do crédito e das contas públicas da Região. Em julho, o Nordeste registrou deflação de 0,08% pelo IPCA e queda de 5,87% no custo da cesta básica. No acumulado de 12 meses, entretanto, a inflação regional permaneceu acima da média brasileira, enquanto a cesta básica apresentou a menor variação entre as regiões do País. No mercado de crédito, houve recuo da inadimplência em junho, embora o indicador nordestino tenha permanecido acima da média nacional, em um ambiente onde taxa de juros e spread continuam elevados. Na área fiscal, o documento examina tanto a deterioração do resultado do Governo Central no primeiro semestre quanto a situação dos estados nordestinos, com destaque para o quadro fiscal mais favorável do Maranhão no terceiro bimestre do ano.

No setor externo, as exportações nordestinas somaram US\$ 14,94 bilhões entre janeiro e julho, com crescimento de 2,5%, enquanto as importações avançaram 5,4%, para US\$ 16,60 bilhões, resultando em déficit comercial de US\$ 1,65 bilhão. A China permaneceu como principal destino das exportações regionais e também como principal mercado do agronegócio nordestino, que respondeu por 50,5% das vendas externas da Região e acumulou superávit de US\$ 6,05 bilhões no período. O cenário externo, contudo, segue sujeito aos efeitos das novas tarifas dos Estados Unidos e a riscos climáticos. O documento é concluído com as expectativas do BNB/Etene para as principais variáveis macroeconômicas de 2026, que subsidiam o Relatório Focus do Banco Central do Brasil.

1 Estados do Nordeste crescem acima do Brasil até junho de 2026, com destaque para Pernambuco

Considerando o acumulado dos últimos 12 meses até junho de 2026, o índice que mede o nível de atividade econômica nacional (IBC-Br) cresceu 1,5%, mantendo trajetória de desaceleração ao longo do primeiro semestre (Tabela 1). A Região Nordeste e todos os estados analisados apresentaram taxas anualizadas iguais ou superiores à média nacional, embora parte deles tenha mostrado perda de dinamismo nos meses recentes.

Segundo a Tabela 1, Pernambuco apresentou o melhor desempenho entre os estados analisados, com crescimento de 3,1%, seguido por Maranhão (2,2%), Rio Grande do Norte (1,7%), Ceará (1,6%) e Bahia (1,5%). O Nordeste registrou expansão de 2,4%, acima da média brasileira.



Maranhão e Bahia apresentaram desaceleração contínua ao longo do semestre. Rio Grande do Norte e Ceará mantiveram relativa estabilidade, com leve recuperação nos meses mais recentes. Pernambuco e Nordeste exibiram comportamento oscilante, porém sustentaram crescimento acima da média nacional. Os resultados indicam que a atividade econômica nordestina permaneceu mais aquecida que a brasileira, apesar dos sinais de moderação observados em parte da região.

Tabela 1 – Taxa de crescimento (%) do IBC (Índice de Atividade Econômica do Banco Central), em ordem decrescente do último mês – Brasil e estados selecionados – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a junho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Minigráfico
Pernambuco	1,6	2,2	3,3	3,3	3,3	3,1	
Nordeste	2,2	2,4	2,8	2,8	2,6	2,4	
Maranhão	3,8	3,8	3,7	3,1	2,4	2,2	
Rio G. do Norte	1,6	1,2	1,5	1,6	1,5	1,7	
Ceará	1,4	1,2	1,4	1,5	1,5	1,6	
Bahia	2,6	2,6	2,4	2,2	2,0	1,5	
Brasil	2,2	1,8	1,8	1,6	1,4	1,5	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central (BC). Nota (1): Valores YoY (Year over Year)

A análise setorial do IBC-Br mostra que a agropecuária, embora tenha apresentado forte desaceleração, passando de 12,5% em janeiro para 2,5% em junho, vem registrando o maior crescimento anualizado desde então (Tabela 2).

Paralelamente, a taxa anualizada dos serviços manteve crescimento relativamente estável, em torno de 2,0%, ao longo do semestre. A indústria apresentou redução gradual até maio, com recuperação parcial em junho. Os resultados sugerem que a perda recente de dinamismo da economia brasileira esteve associada principalmente à desaceleração da agropecuária, enquanto os serviços continuaram sustentando o nível de atividade.

Tabela 2 – Taxa de crescimento (%) do IBC (Índice de Atividade Econômica do Banco Central), em ordem decrescente do último mês – Brasil e setores econômicos – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a junho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Minigráfico
Agropecuária	12,5	9,8	6,0	3,4	2,8	2,5	
Serviços	2,0	1,8	2,0	2,1	1,9	1,9	
Brasil	2,2	1,8	1,8	1,6	1,4	1,5	
Indústria	1,1	0,8	0,8	0,8	0,5	0,7	

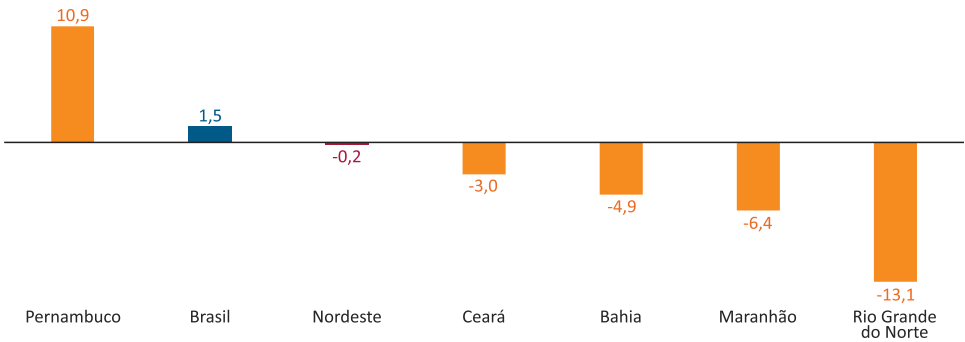
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central (BC). Nota (1): Valores YoY (Year over Year)

2 Indústria do Nordeste recua no 1º semestre de 2026

A indústria nordestina apresentou retração de 0,2% no acumulado de janeiro a junho de 2026, desempenho inferior ao registrado pela indústria nacional (1,5%), conforme dados do IBGE.

Entre os estados nordestinos analisados, apenas Pernambuco registrou crescimento no semestre (10,9%), alcançando a segunda maior taxa do País. Ceará (-3,0%), Bahia (-4,9%), Maranhão (-6,4%) e Rio Grande do Norte (-13,1%) apresentaram retração, conforme se observa no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e estados do Nordeste – acumulado jan-jun de 2026 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE (2026). Elaboração BNB/Etene.

O desempenho regional refletiu resultados negativos em parte significativa das atividades industriais. Embora a indústria extrativa (12,0%) e segmentos como alimentos (3,5%) e produtos de metal (9,0%) tenham apresentado crescimento, as quedas em máquinas e materiais elétricos (-28,0%), têxtil (-13,9%), couro e calçados (-5,5%) e papel e celulose (-4,7%) exerceram maior influência sobre o resultado do Nordeste (Tabela 3).

Pernambuco destacou-se pelo forte crescimento do segmento de refino e biocombustíveis 52,9%, enquanto nos demais estados os resultados foram marcados pela disseminação de retrações setoriais. Na Bahia e no Rio Grande do Norte, o setor de refino e biocombustíveis contribuiu negativamente para o desempenho industrial; no Maranhão, as maiores influências vieram das quedas nas indústrias de alimentos e extrativa (Tabela 3).

Tabela 3 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades – Brasil, Nordeste e Estados do Nordeste – acumulado jan-jun de 2026 (Base: igual período do ano anterior)

	BR	NE	MA	CE	RG	PE	BA
Indústria geral	1,5	-0,2	-6,4	-3,0	-13,1	10,9	-4,9
Indústrias extrativas	7,4	12,0	-35,7	-	-5,5	-	6,2
Indústrias de transformação	0,4	-0,7	-4,6	-3,0	-13,7	10,9	-5,5
Produtos alimentícios	1,0	3,5	-28,7	-4,3	-1,4	0,3	7,2
Bebidas	1,5	1,8	7,8	-1,1	-	0,5	-3,6
Produção de fumo	1,6	-	-	-	-	-	-
Produtos têxteis	-3,4	-13,9	-	-12,0	-	-	-
Confecção de vestuário e acessórios	-6,1	-7,6	-	-10,6	48,5	-	-
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-5,2	-5,5	-	-3,7	-	-	-20,2
Celulose, papel e produtos de papel	-3,3	-4,7	-7,4	-	-	3,9	-3,4
Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,2	0,4	-	12,9	-25,8	52,9	-8,6
Produtos químicos	-2,6	0,4	-	-0,6	-	16,5	-4,4
Produtos de borracha e de material plástico	4,3	0,9	-	-	-	7,5	-3,7
Produtos de minerais não metálicos	-2,5	1,8	-0,6	6,4	-	1,2	1,8
Metalurgia	9,7	-2,4	6,1	-8,4	-	11,5	-7,5
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,1	9,0	-	24,9	-	-9,1	-
Máquinas, aparelhos, materiais elétricos	0,1	-28,0	-	-17,8	-	6,5	-37,4
Máquinas e equipamentos	0,4	-	-	-	-	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-3,5	-1,7	-	-	-	0,4	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-5,1	-	-	-	-	25,2	-

Fonte: IBGE (2026). Elaboração BNB/Etene

A atividade industrial nordestina perdeu dinamismo ao longo do primeiro semestre de 2026, passando de crescimento no primeiro trimestre para retração no segundo. O resultado refletiu a disseminação de quedas entre estados e setores, com destaque para a influência do segmento de refino e biocombustíveis na dinâmica industrial da Região.

3 Comércio varejista da maioria dos estados do Nordeste cresceu acima do Brasil/ junho de 2026

No acumulado dos últimos 12 meses até junho de 2026, o comércio varejista brasileiro cresceu 1,6%, enquanto o varejo ampliado avançou 0,8%. A maior parte dos estados nordestinos apresentou desempenho superior ao nacional em ambos os indicadores.

No varejo, destacaram-se Pernambuco (6,1%) e Rio Grande do Norte (5,9%), seguidos por Bahia (3,9%) e Ceará (3,8%). No varejo ampliado, os maiores crescimentos foram observados em Pernambuco (4,7%), Bahia (3,9%) e Ceará (3,7%), conforme as Tabelas 4.

Merece destaque a recuperação do Maranhão no varejo ampliado, que passou de retração em janeiro para crescimento em junho. Em sentido contrário, o Piauí foi a exceção regional, registrando queda tanto no varejo quanto no varejo ampliado. Os resultados sugerem que o comércio nordestino manteve dinamismo superior ao observado no conjunto do País.

Tabelas 4 – Taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista (A) e do comércio varejista ampliado (B) (%), em ordem decrescente do último mês – Brasil e estados do Nordeste – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – janeiro/2026 a junho/2026

(A)

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Minigráfico
Pernambuco	3,1	3,6	4,9	5,2	5,5	6,1	
Rio. G. Norte	5,1	5,2	6,2	6,3	6,1	5,9	
Bahia	3,0	2,9	3,9	3,6	3,5	3,9	
Ceará	3,5	3,2	3,6	3,5	3,5	3,8	
Paraíba	4,6	4,6	4,7	3,6	2,9	3,1	
Maranhão	2,4	1,8	2,5	2,2	2,3	2,4	
Sergipe	1,9	1,9	2,8	2,5	2,0	2,0	
Alagoas	3,4	3,0	3,1	2,4	2,1	1,9	
Brasil	1,6	1,5	1,8	1,5	1,4	1,6	
Piauí	0,0	-0,7	-1,0	-1,6	-2,2	-1,6	

(B)

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Minigráfico
Pernambuco	1,4	1,4	3,4	3,4	3,7	4,7	
Bahia	0,6	0,8	2,2	2,4	2,7	3,9	
Ceará	4,4	3,6	4,1	3,5	3,5	3,7	
Rio. G. Norte	2,6	2,1	3,1	3,6	3,2	3,2	
Paraíba	3,8	3,3	3,5	2,6	2,1	2,5	
Maranhão	-0,4	-0,5	0,8	1,3	1,3	2,5	
Sergipe	0,8	0,5	1,5	1,3	0,9	0,9	
Brasil	0,0	-0,4	0,2	0,3	0,1	0,8	
Alagoas	0,6	-0,1	0,7	0,4	0,1	0,4	
Piauí	-1,1	-2,1	-2,2	-2,6	-2,9	-2,3	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC. Nota (1): Valores YoY (Year over Year). Nota (2): O comércio varejista ampliado inclui o comércio varejista mais os comércios de veículos, motocicletas e peças; de material de construção; e o atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo. Nota (2): Valores YoY (Year over Year).



Entre os segmentos pesquisados, o desempenho variou entre os estados. No Ceará, destacaram-se eletrodomésticos, combustíveis e artigos farmacêuticos; em Pernambuco, hipermercados e supermercados, papelaria e informática; e, na Bahia, o segmento de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação apresentou o maior crescimento. Em contrapartida, alguns segmentos específicos registraram retração em cada estado, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista e do comércio varejista ampliado, por atividades (%) – Brasil e estados selecionados – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Junho/2026

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,6	3,8	6,1	3,9
Combustíveis e lubrificantes	1,5	7,9	-6,2	5,4
Hipermerc., supermerc., produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,7	1,9	11,5	3,6
Hipermercados e supermercados	0,8	0,3	12,9	5,3
Tecidos, vestuário e calçados	-1,2	2,5	-2,2	-9,0
Móveis e eletrodomésticos	4,5	4,7	5,4	3,8
Móveis	-3,7	-0,2	2,4	-1,6
Eletrodomésticos	7,5	9,3	6,5	8,6
Art. farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perf. e cosméticos	5,1	7,5	-0,8	6,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,8	0,2	12,2	-8,7
Equip. e materiais para escritório, informática e comunicação	7,1	-13,0	10,8	55,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,7	6,6	9,4	3,0
Comércio varejista ampliado	0,8	3,7	4,7	3,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	-1,2	7,0	2,4	2,4
Material de construção	-1,8	-7,4	-1,7	0,8
Atacado especializ. em produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,8	7,2	4,5	7,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC. Nota (1): Valores YoY (Year over Year).

As projeções da consultoria 4intelligence para 2026 indicam crescimento de 1,8% no varejo e de 1,9% no varejo ampliado no Brasil, com expansão na maior parte dos segmentos do comércio.

4 Serviços: O volume de serviços de Alagoas, Paraíba e Sergipe crescem acima do Brasil, em junho de 2026

O volume de serviços no Brasil cresceu 2,6% no acumulado dos 12 meses até junho de 2026, embora tenha mantido trajetória de desaceleração ao longo do primeiro semestre. Entre os estados nordestinos, Alagoas (4,7%), Paraíba (3,9%) e Sergipe (3,7%) registraram os melhores desempenhos, superando a média nacional.

Alagoas destacou-se pela recuperação ao longo do semestre. A Paraíba, apesar de continuar entre os estados com melhor desempenho, apresentou desaceleração, enquanto Sergipe mostrou recuperação nos meses mais recentes. Em sentido contrário, Ceará (-1,5%) registrou o pior resultado entre os estados analisados (Tabela 6).

Tabela 6 – Taxa de crescimento do volume de serviços (%), em ordem decrescente do último mês – Brasil e estados do Nordeste – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (1) – Janeiro/2026 a junho/2026

	Jan/26	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26	Minigráfico
Alagoas	1,7	0,4	-0,6	0,7	2,2	4,7	
Paraíba	6,1	5,4	5,1	4,9	4,3	3,9	
Sergipe	4,8	3,9	3,9	3,5	3,1	3,7	
Brasil	3,1	2,8	2,9	2,9	2,6	2,6	
Piauí	-0,6	-0,3	0,3	0,5	0,3	0,6	
Rio. G. Norte	2,7	2,0	1,8	1,6	1,1	0,4	
Pernambuco	0,4	0,1	0,6	0,1	0,1	0,2	
Bahia	-1,2	-1,3	-1,8	-1,5	-1,0	-0,4	
Maranhão	3,1	2,6	2,3	1,9	0,4	-0,4	
Ceará	2,7	1,4	0,7	-0,2	-1,0	-1,5	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMS. Nota (1): Valores YoY (Year over Year).

Nos estados para os quais há detalhamento setorial, a retração do Ceará foi influenciada principalmente pelos serviços profissionais, administrativos e complementares e pelos serviços prestados às famílias. Em Pernambuco, os avanços em informação e comunicação e nos serviços profissionais compensaram parcialmente quedas em transportes e serviços prestados às famílias. Na Bahia, a retração esteve associada principalmente aos transportes e aos serviços prestados às famílias (Tabela 7).

Tabela 7 – Taxa de crescimento do volume de serviços, por atividades e subatividades (%) – Brasil e estados selecionados (1) – Acumulado dos últimos 12 meses (Base: mesmo período anterior) ou YoY (2) – Junho/2026

Atividades e Subatividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,3	-2,7	-1,6	-2,6
Serviços de alojamento e alimentação	1,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-0,4	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,9	-0,9	3,1	1,6
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,0	-	-	-
Telecomunicações	1,0	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	10,9	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	4,9	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	2,6	-4,3	1,5	4,6
Serviços técnico-profissionais	5,7	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	0,3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,0	-0,3	-1,5	-2,7
Transporte terrestre	2,7	-	-	-
Transporte aquaviário	-2,1	-	-	-
Transporte aéreo	-0,3	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,7	-	-	-
Outros serviços	0,6	4,1	-0,3	-3,7
Total	2,6	-1,5	0,2	-0,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMS. Nota (1): O IBGE divulga as variações do volume de serviços das atividades somente para Ceará, Pernambuco e Bahia. Nota (2): Valores YoY (Year over Year).

As projeções para 2026 indicam crescimento de 2,0% no volume de serviços do Brasil, com destaque para os serviços de informação e comunicação e para os serviços profissionais, administrativos e complementares.



5 Turismo: desembarques internacionais nos aeroportos do Nordeste aumentaram 30,2%, no 1º semestre de 2026

O índice de volume das atividades turísticas apresentou retração de 0,9% no Brasil no acumulado até junho de 2026. Entre os estados nordestinos pesquisados pelo IBGE, apenas a Bahia registrou crescimento (3,8%), enquanto Alagoas, Pernambuco e Ceará apresentaram queda, e o Rio Grande do Norte mostrou estabilidade (Tabela 1).

No primeiro semestre de 2026, o Brasil recebeu 5,3 milhões de turistas internacionais. A Argentina permaneceu como principal país emissor de visitantes, enquanto São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul concentraram as maiores entradas de turistas estrangeiros no País (Tabela 8).

Tabela 8 – Indicadores de Volume das Atividades Turísticas³, segundo Brasil Unidades da Federação – Jan-jun/2026 – Variação (%)

Unidade Territorial	Mês/mês anterior ¹			Mês/mesmo mês do ano anterior			Acumulado no ano ²		
	abr/2026	mai/2026	jun/2026	abr/2026	mai/2026	jun/2026	abr/2026	mai/2026	jun/2026
Brasil	4,0	-0,4	-3,4	-1,5	-1,4	-5,3	0,3	0,0	-0,9
Ceará	-0,4	-1,9	-1,4	-11,9	-13,5	-16,0	-3,9	-5,8	-7,5
Rio Grande do Norte	-0,6	-0,3	-3,0	-0,1	-0,2	-4,4	1,0	0,8	0,0
Pernambuco	6,3	-3,0	-2,1	-8,4	-9,8	-12,9	-4,6	-5,6	-6,8
Alagoas	8,8	-3,4	1,8	-6,1	-4,7	2,4	-1,3	-1,9	-1,3
Bahia	11,2	-0,5	-2,1	5,3	7,6	6,3	2,5	3,4	3,8

Fonte: IBGE/PMS. IBGE/PMS. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8694>. Acesso em: 14 ago. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE. Notas: 1 com ajuste sazonal; 2 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nota 3: O Índice de Atividades Turísticas – IATUR é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).

Na Região Nordeste, a Bahia foi o principal portão de entrada de visitantes internacionais, seguida por Pernambuco e Ceará. O fluxo de desembarques internacionais nos aeroportos nordestinos cresceu 30,2%, alcançando cerca de 501 mil passageiros no primeiro semestre de 2026. Bahia, Pernambuco e Ceará responderam por 85,6% desse total.

Os desembarques domésticos também cresceram na Região Nordeste (7,3%), com destaque para Bahia, Pernambuco e Ceará, que concentraram a maior parte da movimentação regional (Tabela 9).

Tabela 9 – Chegada de passageiros em aeroportos por natureza do voo – Nordeste e Estados – Jan-jun/2026/2025

"Unidade Territorial (aeroporto de destino) "	Doméstico			Internacional		
	jan-jun/2025	jan-jun/2026	Variação (%)	jan-jun/2025	jan-jun/2026	Variação (%)
Nordeste	9.151.315	9.822.313	7,3	384.670	500.966	30,2
Alagoas	675.150	724.647	7,3	13.179	22.681	72,1
Bahia	2.551.103	2.836.968	11,2	137.673	162.705	18,2
Ceará	1.460.394	1.515.166	3,8	104.937	115.481	10,0
Maranhão	480.423	527.766	9,9	0	37	-
Paraíba	470.380	505.578	7,5	326	1.683	416,3
Pernambuco	2.407.866	2.473.959	2,7	104.659	150.144	43,5
Piauí	258.161	289.164	12,0	-	-	-
Rio Grande do Norte	534.227	614.268	15,0	23.896	48.235	101,9
Sergipe	313.611	334.797	6,8	-	-	-

Fonte: ANAC. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 14 ago. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

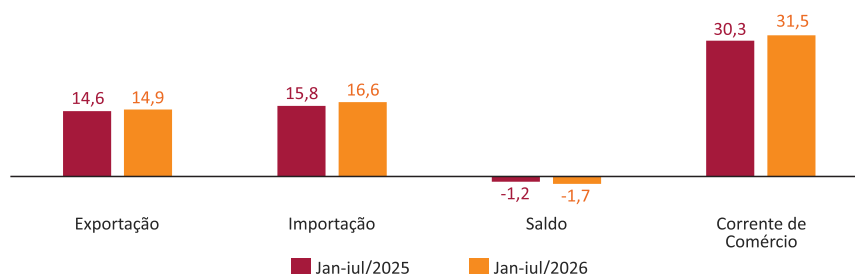
Nota: Os dados de desembarques de passageiros internacionais incluem residentes e não-residentes no Brasil e conexões.

O turismo internacional no Nordeste manteve trajetória de expansão no primeiro semestre de 2026, refletida principalmente no aumento dos desembarques internacionais. Apesar da desaceleração observada em alguns indicadores, o turismo doméstico continuou desempenhando papel relevante na atividade econômica regional.

6 Comércio Exterior: Nordeste registra crescimento tanto nas exportações quanto nas importações em 2026

Entre janeiro e julho de 2026, as exportações do Nordeste somaram US\$ 14,94 bilhões, crescimento de 2,5%, enquanto as importações alcançaram US\$ 16,60 bilhões, aumento de 5,4%. Com isso, a corrente de comércio da Região atingiu US\$ 31,54 bilhões (+4,0%) e a balança comercial registrou déficit de US\$ 1,65 bilhão, conforme o Gráfico 2.

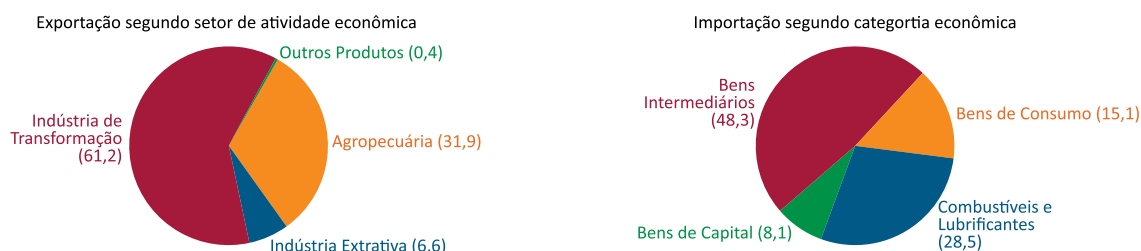
Gráfico 2 – Valor das Exportações, importações, saldo e corrente de comércio – Nordeste – jan-jul/2026 e 2025 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 07/08/2026). Obs.: Dados sujeitos a retificação.

Pela ótica das exportações, o crescimento foi sustentado principalmente pela agropecuária (+10,4%) e pela indústria extrativa (+26,5%). A agropecuária foi impulsionada sobretudo pelas vendas de soja, enquanto a indústria extrativa se destacou pelo avanço das exportações de minérios de cobre. Em contrapartida, as exportações da indústria de transformação recuaram 3,3%, influenciadas pela redução das vendas de produtos como açúcares, alumina, veículos de passageiros e derivados de cacau. O Gráfico 3 apresenta a participação setorial nas exportações do Nordeste, bem como a distribuição das importações por categoria econômica.

Gráfico 3 – Exportações e importações segundo setor de atividades e categoria econômica – Nordeste – jan-jul/2026 – em %

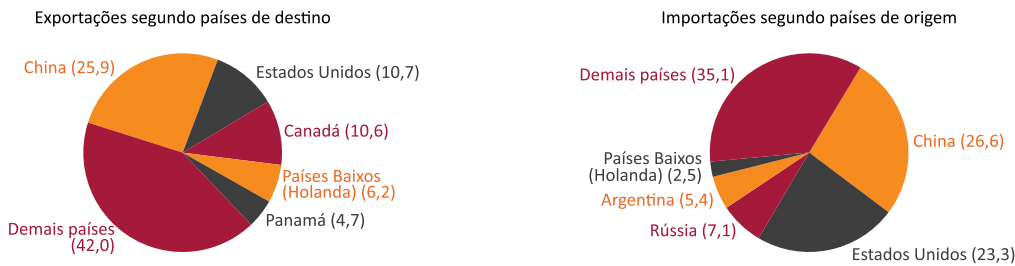


Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 07/08/2026). Obs.: Dados sujeitos a retificação.

A China permaneceu como principal destino das exportações nordestinas, respondendo por 25,9% das vendas externas e registrando crescimento de 20,1%. Também se destacaram Canadá, Países Baixos (Holanda) e Panamá, enquanto os embarques para os Estados Unidos apresentaram retração.

Nas importações, o principal destaque foi o aumento das compras de bens de consumo, especialmente veículos automóveis de passageiros. Por outro lado, houve redução das aquisições de bens intermediários e de combustíveis e lubrificantes. A China também liderou como principal origem das importações nordestinas, seguida pelos Estados Unidos, Rússia e Argentina (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Principais países de destino e origem das exportações e importações– Nordeste – jan-jul/2026 – em %



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 07/08/2026).
Obs.: Dados sujeitos a retificação.

6.1 Comércio Exterior Agro: China é o principal destino das exportações do agronegócio nordestino

As exportações do agronegócio nordestino somaram US\$ 7,54 bilhões entre janeiro e julho de 2026, com queda de 2,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Apesar da redução no valor exportado, a quantidade embarcada cresceu 0,6%, enquanto os preços médios recuaram. O agronegócio respondeu por 50,5% das exportações totais da Região e gerou superávit de US\$ 6,05 bilhões (Tabela 10).

Tabela 10 – Brasil, Nordeste e Estados: Exportação, importação e saldo do agronegócio –Jan-jul/2026 – em US\$ milhões

UF/NE/BR	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. % no total das Exportações	Var. % Jan-jul 2026/2025	Valor	Part. % no total das Importações	Var. % Jan-jul 2026/2025	
Maranhão	1.945,6	67,8	3,0	32,8	1,3	-6,0	1.912,8
Piauí	652,7	97,7	2,0	8,7	12,8	-37,3	644,0
Ceará	304,5	23,6	-15,3	250,9	16,0	0,8	53,6
R G do Norte	163,3	21,9	-10,2	52,8	18,3	-4,5	110,5
Paraíba	28,2	37,2	-48,3	86,5	27,4	13,3	-58,3
Pernambuco	321,2	28,1	-26,1	374,3	8,5	-20,5	-53,0
Alagoas	242,0	58,9	-44,0	99,5	14,0	18,8	142,5
Sergipe	52,5	22,4	-42,1	20,5	10,9	1,7	32,0
Bahia	3.829,9	51,0	5,3	561,9	8,6	-37,9	3.268,0
Nordeste	7.539,8	50,5	-2,4	1.487,9	9,0	-22,1	6.051,9
Brasil	103.394,9	47,3	6,0	11.712,6	6,9	-1,4	91.682,3

Fonte: Elaboração BNB/Etene, através do sistema AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC. Dados coletados em ago/2026.

Os principais setores exportadores foram o Complexo Soja, os Produtos Florestais (celulose) e as Fibras e Produtos Têxteis. O crescimento das exportações de soja e fibras têxteis foi parcialmente compensado pelas quedas nas vendas de celulose, do complexo sucroalcooleiro, de cacau e de café.

A China manteve-se como principal destino das exportações do agronegócio nordestino, absorvendo 43,7% do total exportado, seguida pelos Países Baixos e os Estados Unidos.

As importações do agronegócio nordestino totalizaram US\$ 1,49 bilhão, com queda de 22,1%. Os principais itens importados foram cereais, produtos oleaginosos e cacau e seus derivados, todos com redução nas compras externas no período analisado (Tabela 11).

Tabela 11 – Brasil, Nordeste e estados: Principais setores exportadores e importadores do agronegócio – Em % - Julho/2026

UF/NE/BR	Principais Setores Exportadores	Principais Setores Importadores
Maranhão	Complexo Soja (68,4%), Produtos Florestais (22,0%), Fibras e produtos têxteis (3,0%)	Cereais, farinhas e preparações (33,0%), Lácteos (32,9%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (11,6%)
Piauí	Complexo Soja (88,8%), Demais produtos de origem vegetal (3,9%), Cereais, farinhas e preparações (3,6%)	Cereais, farinhas e preparações (71,1%), Couros, produtos de couro e peleteria (10,9%), Carnes (7,4%)
Ceará	Frutas (inclui nozes e castanhas) (32,1%), Demas produtos de origem vegetal (20,6%), Pescados (18,1%)	Cereais, farinhas e preparações (49,2%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (30,3%), Frutas (inclui nozes e castanhas) (5,2%)
R. G. do Norte	Frutas (inclui nozes e castanhas) (72,5%), Fibras e produtos têxteis (7,8%), Pescados (4,8%)	Cereais, farinhas e preparações (58,7%), Lácteos (12,1%), Produtos florestais (7,3%)
Paraíba	Sucos (41,9%), Complexo sucroalcooleiro (22,7%), Frutas (inclui nozes e castanhas) (16,7%)	Cereais, farinhas e preparações (68,0%), Lácteos (10,1%), Pescados (4,8%)
Pernambuco	Frutas (inclui nozes e castanhas) (46,3%), Complexo sucroalcooleiro (37,6%), Carnes (7,8%)	Cereais, farinhas e preparações (33,9%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (17,9%), Lácteos (11,1%)
Alagoas	Complexo sucroalcooleiro (95,9%), Fumo e seus produtos (2,1%), Frutas (inclui nozes e castanhas) (0,6%)	Produtos oleaginosos (exclui soja) (26,5%), Pescados (18,1%), Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos (15,4%)
Sergipe	Sucos (70,5%), Demais produtos de origem vegetal (18,1%), Complexo sucroalcooleiro (4,8%)	Cereais, farinhas e preparações (74,1%), Sucos (7,9%), Produtos florestais (6,4%)
Bahia	Complexo Soja (46,6%), Produtos florestais (19,9%), Fibras e produtos têxteis (14,5%)	Cacau e seus produtos (41,7%), Cereais, farinhas e preparações (20,2%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (18,0%)
Nordeste	Complexo Soja (49,0%), Produtos Florestais (15,8%), Fibras e produtos têxteis (8,7%)	Cereais, farinhas e preparações (32,8%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (18,8%), Cacau e seus produtos (16,0%)
Brasil	Complexo Soja (40,7%), Carnes (19,8%), Produtos Florestais (9,5%)	Cereais, farinhas e preparações (15,3%), Produtos Florestais (9,4%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (9,2%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, através do sistema AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC. Dados coletados em ago/2026.

As exportações nordestinas seguem impulsionadas pelo agronegócio, especialmente pelas vendas de soja para a China, mas enfrentam desafios relacionados às novas tarifas impostas pelos Estados Unidos, que podem afetar principalmente os produtos da indústria de transformação, além dos possíveis impactos climáticos associados ao El Niño.

7 Mercado de Trabalho: Piauí tem o maior salário de admissão do NE em junho de 2026

Os dados do Novo Caged mostram desaceleração na geração de empregos formais no Brasil no primeiro semestre de 2026. Apesar disso, o Nordeste apresentou a menor redução relativa (-21,7%) entre as regiões e ampliou sua participação no saldo nacional de empregos, para 14,4%.

O salário médio real de admissão no Nordeste foi de R\$ 2.067,05 em junho de 2026 (tabela 12), valor equivalente a 80,3% do salário médio observado no Sudeste. Entre os estados nordestinos, o Piauí registrou o maior salário médio de admissão (R\$ 2.216,00), enquanto Alagoas apresentou o menor (R\$ 1.898,12). O Ceará destacou-se pela combinação de forte geração de empregos e salário de admissão relativamente elevado na região.

Tabela 12 – Saldo de empregos e salário médio de admissão - Brasil e Regiões - 1º semestre 2025 / 2026 (saldo com ajustes)

Região e UF	Saldo de empregos			Salário médio de admissão em jun. 2026		
	"1º semestre 2025"	"1º semestre 2026"	"Variação absoluta"	"Valores (R\$)"	"Participação no Brasil (%)"	"Variação relativa (%)"
Brasil	1.229.272	921.645	-307.627	2.404,34	100,0%	0,71
Norte	70.801	46.354	-24.447	2.100,63	87,4%	-0,04
Rondônia	8.157	3.041	-5.116	2.020,17	84,0%	-0,31
Acre	4.076	3.675	-401	1.963,74	81,7%	-0,98
Amazonas	15.025	12.377	-2.648	2.118,93	88,1%	1,21
Roraima	2.876	1.938	-938	1.800,73	74,9%	-3,35
Pará	26.286	17.488	-8.798	2.165,98	90,1%	-0,26
Amapá	4.874	4.405	-469	2.012,13	83,7%	0,57
Tocantins	9.507	3.430	-6.077	2.127,04	88,5%	-0,39
Nordeste	169.201	132.547	-36.654	2.067,05	86,0%	-0,07
Maranhão	21.354	15.322	-6.032	2.066,18	85,9%	-1,14
Piauí	13.371	11.700	-1.671	2.216,00	92,2%	7,54
Ceará	25.707	24.531	-1.176	2.124,95	88,4%	1,20
Rio Grande do Norte	6.744	716	-6.028	1.908,96	79,4%	-1,63
Paraíba	9.467	6.603	-2.864	1.925,61	80,1%	-6,27
Pernambuco	26.047	21.411	-4.636	2.075,98	86,3%	0,41
Alagoas	-8.028	-8.215	-187	1.898,12	78,9%	-3,30
Sergipe	6.498	4.885	-1.613	2.159,35	89,8%	-2,34
Bahia	68.041	55.594	-12.447	2.082,81	86,6%	0,53
Sudeste	577.150	444.363	-132.787	2.565,35	106,7%	1,30
Minas Gerais	149.187	108.977	-40.210	2.269,85	94,4%	0,18
Espírito Santo	20.683	24.177	3.494	2.283,45	95,0%	1,08
Rio de Janeiro	59.949	58.651	-1.298	2.358,97	98,1%	-0,08
São Paulo	347.331	252.558	-94.773	2.724,94	113,3%	1,80
Sul	250.826	173.709	-77.117	2.362,79	98,3%	0,48
Paraná	94.956	69.638	-25.318	2.348,86	97,7%	0,85
Santa Catarina	80.212	63.169	-17.043	2.449,72	101,9%	0,30
Rio Grande do Sul	75.658	40.902	-34.756	2.285,83	95,1%	0,24
Centro-Oeste	160.909	122.414	-38.495	2.290,89	95,3%	-0,23
Mato Grosso do Sul	23.896	18.531	-5.365	2.282,70	94,9%	0,14
Mato Grosso	42.316	31.835	-10.481	2.400,91	99,9%	2,57
Goiás	64.502	44.316	-20.186	2.145,07	89,2%	0,25
Distrito Federal	30.195	27.732	-2.463	2.431,74	101,1%	-5,36

Fonte: MTE/Novo CAGED (Tabela 7.1). Acesso em: 20 ago. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Todos os grupamentos de atividade econômica do Nordeste registraram saldo positivo de empregos em junho de 2026. Os serviços foram o principal responsável pela geração de vagas, respondendo por mais da metade do saldo regional. Construção e indústria também contribuíram positivamente, com destaque para a recuperação do emprego na indústria de transformação. No semestre (Tabela 13), o saldo de empregos da Região (119,4 mil postos), dependeu do resultado da atividade de Serviços (105,1 mil) e da Construção (42,8 mil), as demais atividades, Agropecuária, Indústria e Comércio registraram saldo negativo.

Tabela 13 – Saldo de empregos por atividade econômica - Brasil e Regiões, 1º semestre 2026 (dados sem ajustes)

Grupamento de Atividades Econômicas e Seção CNAE 2.0	Região					Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
Total	41.603	119.399	445.181	170.983	120.493	899.872
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	-1.239	-15.435	41.900	-1.110	13.694	37.825
Indústria geral	6.258	-11.119	63.209	64.049	21.512	144.022
Indústrias Extrativas	1.340	189	1.397	289	1.301	4.516
Indústrias de Transformação	4.102	-14.772	58.659	62.546	18.484	129.119
Eletricidade e Gás	-55	2.126	547	184	319	3.121
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	871	1.338	2.606	1.030	1.408	7.266
Construção	8.998	42.817	68.935	24.595	24.284	169.717
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	3.082	-1.989	-15.990	-1.663	3.397	-12.303
Serviços	24.511	105.133	287.132	85.112	57.606	560.639
Transporte, armazenagem e correio	2.144	2.850	51.053	9.227	8.080	73.579
Alojamento e alimentação	2.242	3.003	22.972	156	4.311	32.902
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	11.451	48.355	88.132	37.030	20.726	206.160
Informação e Comunicação	774	2.242	1.524	1.178	330	6.066
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	-556	-189	1.067	611	-274	666
Atividades Imobiliárias	122	1.043	1.900	329	138	3.542
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	2.768	6.830	21.331	8.352	3.860	43.192
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	8.343	38.429	62.310	26.560	16.672	152.694
Administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	6.318	39.703	102.877	32.454	20.370	201.913
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	324	4.207	16.895	5.437	-36	26.827
Educação	3.010	13.782	40.234	14.620	8.078	79.733
Saúde Humana e Serviços Sociais	2.984	21.714	45.748	12.397	12.328	95.353
Serviços domésticos	-6	17	19	54	31	115
Outros serviços	2.362	11.205	22.079	6.191	4.088	45.970
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	605	1.562	8.047	274	1.544	12.048
Outras Atividades de Serviços	1.758	9.647	14.040	5.916	2.483	33.865
Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais	-1	-	-6	3	61	57
Não identificado***	-7	-12	-7	-2	-	-28

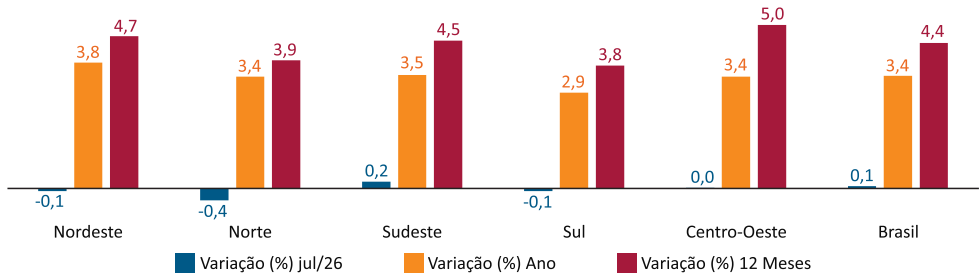
Fonte: MTE/Novo CAGED (Tabela 4) e RAIS Mensal (Sumário Executivo). Acesso em: 20 ago. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

O mercado de trabalho formal nordestino desacelerou no primeiro semestre de 2026, mas apresentou desempenho relativamente melhor do que o observado no Brasil, na medida em que foi a região que apresentou a menor redução de empregos nesse período. Contudo, embora mantenha resultados positivos na geração de empregos, persiste no Nordeste uma diferença significativa em relação ao salário médio de admissão observado no Sudeste.

8 Inflação: IPCA do Nordeste – julho 2026

A inflação do Nordeste medida pelo IPCA (Gráfico 5) registrou deflação de 0,08% em julho de 2026, resultado inferior ao observado no Brasil (0,07%). Entre as capitais nordestinas pesquisadas, destacaram-se as deflações de Salvador (-0,32%) e Aracaju (-0,12%).

Gráfico 5 – IPCA - Valor e variação (%) – Brasil e Regiões – julho, ano e variação em doze meses – 2026



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2026). Nota: O valor das cestas, e a variação no mês e ano, leva em consideração todas as 27 capitais. A variação em doze meses, leva em consideração 17 capitais.

A queda da inflação regional foi influenciada principalmente pelos grupos Alimentação e bebidas, Transportes e Vestuário. As reduções nos preços de alimentos, combustíveis e óleo diesel estiveram entre os principais fatores que contribuíram para o resultado do mês. Em sentido contrário, Saúde e cuidados pessoais e Despesas pessoais exerceram pressão de alta sobre o índice (Tabela 14).

Tabela 14 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Brasil, Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – Variação julho de 2026.

	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luís		Nordeste		Brasil	
	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto
IPCA - Grupo Pesquisado	0,06		0,09		-0,32		-0,12		0,13		-0,08		0,07	
Alimentação e Bebidas	-0,36	-0,09	-0,49	-0,12	-0,88	-0,20	-1,58	-0,35	-0,59	-0,15	-0,69	-0,16	-0,67	-0,14
Habituação	0,17	0,03	0,20	0,03	-0,15	-0,02	0,59	0,07	-0,15	-0,02	0,05	0,01	0,99	0,15
Artigos de Residência	0,01	0,00	0,42	0,02	-0,32	-0,01	1,35	0,04	0,82	0,03	0,16	0,01	0,07	0,00
Vestuário	0,95	0,04	-0,49	-0,03	-1,17	-0,06	0,13	0,01	-0,20	-0,01	-0,38	-0,02	-0,66	-0,03
Transportes	-0,07	-0,01	0,35	0,07	-0,70	-0,13	-0,05	-0,01	0,48	0,09	-0,15	-0,03	0,05	0,01
Saúde e Cuidados Pessoais	0,19	0,03	0,63	0,10	0,19	0,03	0,37	0,06	1,2	0,17	0,41	0,06	0,4	0,06
Despesas Pessoais	0,90	0,07	0,21	0,02	0,64	0,07	0,60	0,06	0,33	0,03	0,55	0,05	0,22	0,02
Educação	0,02	0,00	0,08	0,00	0,03	0,00	-0,01	-0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	-0,03	-0,00
Comunicação	-0,34	-0,01	0,08	0,00	0,15	0,01	0,14	0,01	-0,3	-0,01	-0,01	-0,00	0,04	0,00

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026). variação (%); Impacto: pontos percentuais: p.p.

O índice de difusão da inflação recuou para cerca de 50% no Nordeste e no Brasil, indicando menor disseminação dos reajustes de preços quando comparado aos meses anteriores.

No acumulado de 12 meses, entretanto, o IPCA do Nordeste atingiu 4,65%, acima da média nacional (4,44%). Recife (4,99%), Fortaleza (4,94%), São Luís (4,87%) e Aracaju (4,83%) apresentaram as maiores variações da Região, enquanto apenas Salvador ficou abaixo do índice brasileiro.

Os grupos Alimentação e bebidas, Habituação, Transportes e Saúde e cuidados pessoais concentraram aproximadamente três quartos da inflação acumulada em 12 meses no Nordeste, com destaque para o peso dos transportes, especialmente combustíveis e passagens aéreas (Tabela 15).

Tabela 15 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Brasil, Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – Variação em doze meses terminados em julho de 2026.

	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luís		Nordeste		Brasil	
	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto
IPCA - Grupo Pesquisado	4,94		4,99		4,17		4,83		4,87		4,65		4,44	
Alimentação e Bebidas	3,85	0,94	4,13	0,99	3,05	0,69	4,70	1,05	2,36	0,60	3,52	0,83	3,40	0,74
Habitação	5,69	0,93	3,63	0,49	2,93	0,41	4,88	0,61	8,10	1,18	4,33	0,62	5,93	0,91
Artigos de Residência	0,69	0,02	1,59	0,06	-1,60	-0,06	2,07	0,06	1,71	0,07	0,24	0,01	0,67	0,02
Vestuário	6,17	0,29	7,82	0,46	2,29	0,11	2,70	0,15	3,40	0,21	4,60	0,25	3,87	0,18
Transportes	5,22	0,98	5,87	1,13	5,01	0,93	4,81	0,88	6,80	1,26	5,44	1,02	3,64	0,74
Saúde e Cuidados Pessoais	5,81	0,81	6,70	1,02	6,54	1,03	6,38	1,09	6,52	0,90	6,42	0,97	6,16	0,84
Despesas Pessoais	5,70	0,43	5,90	0,50	5,65	0,57	4,75	0,44	4,24	0,34	5,52	0,49	5,22	0,53
Educação	7,09	0,49	4,47	-	6,62	0,41	6,01	0,47	-	-	6,01	0,38	6,27	0,39
Comunicação	1,69	0,06	2,05	0,08	2,25	0,08	2,17	0,09	1,80	0,06	2,03	0,08	1,96	0,09

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026). variação (%); Impacto: pontos percentuais: p.p.

A inflação apresenta sinais de menor disseminação, mas permanece concentrada em grupos como Alimentação, Habitação, Transportes e Saúde. Esse comportamento sugere continuidade do processo de convergência da inflação, embora de forma gradual, devido ao peso de componentes mais resistentes à política monetária.

9 Cesta Básica: Julho 2026

A cesta básica do Nordeste registrou deflação de 5,87% em julho de 2026, a segunda maior queda entre as regiões do País, refletindo principalmente a redução dos preços de carne, banana, café e tomate. Apenas São Luís apresentou variação positiva entre as capitais brasileiras pesquisadas, enquanto as demais capitais nordestinas registraram queda no custo da cesta (Tabela 16).

A deflação mensal foi impulsionada sobretudo pelos alimentos in natura e pelas proteínas, com destaque para o tomate, responsável por parcela significativa da redução observada na Região. Em contrapartida, leite, arroz e farinha exerceram pressão de alta sobre a cesta básica.

Tabela 16 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Valor e variação no mês (julho), ano e 12 meses - 2026.

Capitais/Região	Valor (R\$ 1,00)	% - Mês	% - Ano	% - 12 meses
FORTALEZA	769,87	-6,4	13,7	4,3
ARACAJU	594,07	-5,8	10,1	4,5
JOÃO PESSOA	644,04	-6,7	7,8	-0,6
NATAL	631,50	-8,0	5,8	-2,3
RECIFE	660,31	-5,7	10,8	0,7
SALVADOR	650,32	-6,6	7,1	2,4
MACEIÓ	618,60	-7,9	4,9	-0,5
SÃO LUÍS	656,69	0,3	4,3	-1,2
TERESINA	702,26	-4,8	8,9	3,7
NORDESTE	674,46	-5,9	8,9	1,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2026). Nota: O valor das cestas, e a variação no mês, ano e doze meses, leva em consideração todas as 27 capitais.

No acumulado de janeiro a julho de 2026, a cesta básica nordestina avançou 8,92%, influenciada principalmente pelos aumentos de carne, leite, feijão e tomate. Já no acumulado de 12 meses, a variação foi de 1,77%, a menor entre as regiões brasileiras (Tabela 17).

Entre as capitais nordestinas, Fortaleza apresentou a cesta mais cara da Região, com valor de R\$ 769,87, enquanto Aracaju registrou a mais barata, de R\$ 594,07. A tabela 17 apresenta as variações da cesta no mês de julho, por produto e por estados da Região.

Tabela 17 – Variação no mês de julho de 2026 – Brasil, Nordeste e Capitais

CB - Grupo Pesquisado	Aracaju	Fortaleza	João Pessoa	Maceió	Natal	Recife	Salvador	São Luís	Teresina	Nordeste	Brasil
Índice Geral (%)	-5,76	-6,39	-6,65	-7,87	-7,95	-5,75	-6,59	0,30	-4,78	-5,87	-5,64
Carne - p.p.	0,57	-0,43	-0,66	-0,27	-0,69	-0,13	0,04	-0,28	-0,23	-0,23	-0,37
Leite - p.p.	0,01	-0,01	0,01	-0,34	0,08	0,20	0,07	-0,04	-0,09	0,02	-0,01
Feijão - p.p.	-0,41	0,02	-0,47	-0,17	-0,38	-0,44	-0,05	0,05	-0,12	-0,14	-0,13
Arroz - p.p.	-0,07	-0,16	-0,17	-0,20	-0,21	-0,23	-0,17	0,05	-0,14	-0,14	-0,11
Farinha - p.p.	-0,20	-0,08	-0,20	-0,29	-0,33	-0,08	-0,15	0,21	-0,09	-0,10	-0,09
Batata - p.p.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,91
Tomate - p.p.	-4,04	-4,75	-3,97	-4,29	-4,57	-4,07	-4,35	0,03	-3,46	-4,12	-3,29
Pão - p.p.	-0,16	-0,17	-0,19	-0,12	-0,20	-0,44	-0,10	0,07	-0,25	-0,16	-0,10
Café - p.p.	-0,30	-0,17	-0,27	-0,36	-0,34	-0,16	-0,21	-0,07	-0,11	-0,19	-0,17
Banana - p.p.	-0,56	-0,15	-0,39	-0,77	-0,27	0,12	-0,99	0,17	-0,24	-0,36	-0,13
Açúcar - p.p.	-0,18	-0,18	-0,21	-0,28	-0,30	-0,20	-0,15	0,01	-0,11	-0,15	-0,12
Óleo - p.p.	-0,21	-0,15	-0,19	-0,33	-0,32	-0,17	-0,18	0,00	-0,10	-0,15	-0,11
Manteiga - p.p.	-0,22	-0,15	0,04	-0,44	-0,42	-0,15	-0,36	0,10	0,14	-0,16	-0,11

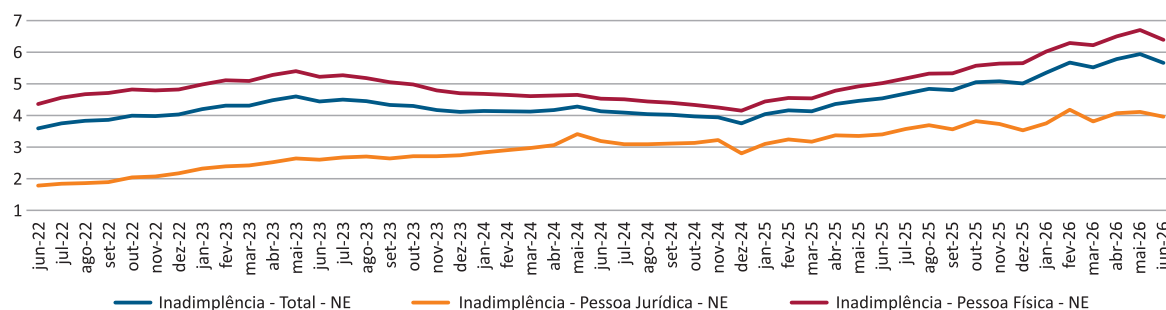
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2026). Nota: A variação no mês, leva em consideração todas as 27 capitais.

10 Crédito: Juros de mercado elevados e sinais de alívio na inadimplência

As operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional encerraram junho de 2026 com taxas de juros e spreads ainda elevados. A taxa média de juros alcançou 33,4% ao ano, enquanto o spread bancário chegou a 22,0 pontos percentuais. Os custos do crédito permaneceram mais elevados para pessoas físicas do que para pessoas jurídicas.

A inadimplência nacional recuou para 4,68% em junho de 2026, após atingir o pico da série em maio. No Nordeste, a taxa também apresentou queda, passando de 5,94% para 5,66%, embora tenha permanecido acima da média nacional. O comportamento da inadimplência regional continuou sendo influenciado principalmente pelas operações com pessoas físicas (Gráfico 6).

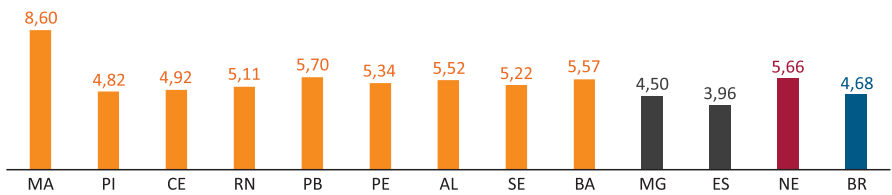
Gráfico 6 – Inadimplência – Nordeste - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Junho de 2022 a Junho de 2026



Fonte: Banco Central (2026). Elaboração: BNB/Etene (2026)

Entre os estados da área de atuação do BNB, o Maranhão registrou a maior taxa de inadimplência (8,60%), seguido pela Paraíba (5,70%), enquanto o Piauí apresentou o menor índice (4,82%), conforme o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Inadimplência – Nacional, Regional e Estados da Área de Atuação do BNB – % – Junho de 2026



Fonte: Banco Central (2026). Elaboração: Etene (2026)

A redução da inadimplência em junho sugere um alívio após o pico observado em maio, mas os indicadores permanecem em níveis elevados. A continuidade dos cortes da Selic e iniciativas de renegociação de dívidas tendem a contribuir para a melhora gradual das condições de crédito, especialmente no Nordeste, onde a inadimplência segue acima da média nacional.

11 Desempenho Fiscal do Governo Federal em junho de 2026

As contas do Governo Central registraram déficit primário de R\$ 48,2 bilhões em junho de 2026, resultado superior ao observado no mesmo mês de 2025 e também acima das expectativas do mercado. O principal fator para esse desempenho foi o déficit da Previdência Social, enquanto o Tesouro Nacional apresentou superávit no período (Tabela 18).

No acumulado do primeiro semestre de 2026, o déficit primário do Governo Central atingiu R\$ 92,2 bilhões, resultado superior ao observado no mesmo período do ano anterior. Apesar do crescimento da receita líquida, impulsionado principalmente pelas receitas administradas pela Receita Federal e pelas receitas associadas à exploração de recursos naturais, as despesas continuaram crescendo em ritmo elevado, com destaque para gastos previdenciários, saúde, pessoal e créditos extraordinários.

Tabela 18 – Resultado do Tesouro Nacional - Janeiro-Junho de 2026 (milhões correntes)

Discriminação	Jan-Junho		Variação (2026/2025)		Junho		Variação (2026/2025)	
	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)
1. RECEITA TOTAL	1.423.635	1.563.783	9,8%	5,2%	218.495	251.924	15,3%	10,2%
2. TRANSF. POR REPARTIÇÃO DE RECEITA	285.190	308.316	8,1%	3,6%	49.359	56.751	15,0%	9,9%
3. RECEITA LÍQUIDA (1-2)	1.138.445	1.255.467	10,3%	5,6%	169.136	195.173	15,4%	10,3%
4. DESPESA TOTAL	1.149.722	1.347.694	17,2%	12,3%	213.352	243.351	14,1%	9,0%
5. RESULTADO PRIMÁRIO GOV. CENTRAL (3 - 4)	-11.277	-92.227	717,8%	833,8%	-44.216	-48.178	9,0%	4,1%
Tesouro Nacional	192.447	144.277	-25,0%	-28,0%	5.140	2.451	-52,3%	-54,4%
Banco Central	-69	-324	368,4%	345,9%	8	-155	-	-
Previdência Social (RGPS)	-203.654	-236.180	16,0%	11,1%	-49.364	-50.474	2,2%	-2,3%
6. RESULTADO PRIMÁRIO/PIB	-0,18%	-1,38%	-	-	-4,21%	-4,24%	-	-

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional – STN

O setor público consolidado também apresentou piora fiscal. O déficit primário acumulado no primeiro semestre alcançou R\$ 80,2 bilhões, equivalente a 1,2% do PIB (Tabela 19). A dívida bruta do governo geral chegou a 81,9% do PIB, somando R\$ 10,8 trilhões em junho de 2026.

Tabela 19 – Necessidades de financiamento do setor público (Fluxos acumulados no ano) - Janeiro-Junho/2026 - R\$ milhões

Discriminação	Janeiro - Junho				Fluxos Mensais		
	2025	% do PIB	2026	% do PIB	Abril	Maio	Junho
Nominal	394 637	6,34	649 849	9,73	60 139	163 679	165 966
Governo Central(1)	378 496	6,08	612 080	9,16	50 092	153 063	147 688
Governos estaduais	10 049	0,16	30 321	0,45	8 232	9 319	16 913
Governos municipais	- 2 185	-0,04	- 5 142	-0,08	- 594	999	- 707
Empresas estatais(2)	8 278	0,13	12 591	0,19	2 410	298	2 072
Juros nominais	416 667	6,69	569 653	8,53	84 763	107 547	110 653
Governo Central(1)	366 173	5,88	518 705	7,77	76 167	97 895	100 452
Governos estaduais	43 856	0,70	42 185	0,63	7 141	8 363	8 723
Governos municipais	4 587	0,07	5 054	0,08	826	719	873
Empresas estatais(2)	2 051	0,03	3 709	0,06	629	571	604
Primário	- 22 029	-0,35	80 196	1,20	- 24 624	56 131	55 313
Governo Central	12 323	0,20	93 375	1,40	- 26 075	55 169	47 236
Governos estaduais	- 33 807	-0,54	- 11 864	-0,18	1 091	956	8 189
Governos municipais	- 6 772	-0,11	- 10 196	-0,15	- 1 420	280	- 1 581
Empresas estatais(2)	6 227	0,10	8 882	0,13	1 781	- 273	1 468
PIB acumulado no ano*	6 225 068	-	6 678 748	-			

Fonte: Bacen

(1) Inclui INSS.

(2) Exclui as empresas dos Grupos Petrobras e Eletrobras.

* Dados preliminares.

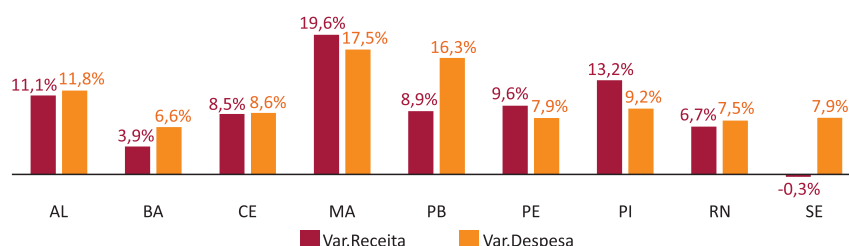
(+) déficit (-) superávit

11.1 Desempenho Fiscal Regional: Maranhão apresentou o melhor quadro fiscal do Nordeste no 3º bimestre de 2026

Os estados nordestinos enfrentaram maior pressão fiscal no 3º bimestre de 2026, com expansão das despesas em ritmo superior ao crescimento das receitas na maior parte da região. Esse movimento reduziu a folga fiscal dos estados e acompanhou a tendência observada no restante do País.

O Maranhão apresentou o melhor desempenho fiscal do Nordeste, combinando crescimento das receitas acima das despesas, menor comprometimento com gastos de pessoal (38% da receita) e uma das maiores taxas de investimento da região (12%). O Piauí também se destacou pelo forte crescimento da arrecadação e pela maior taxa de investimento regional (16%), embora o aumento do serviço da dívida demande atenção (Gráficos 8).

Gráfico 8 – Variação das Receitas e Despesas Orçamentárias dos Estados Nordestinos – 3º bimestre de 2026

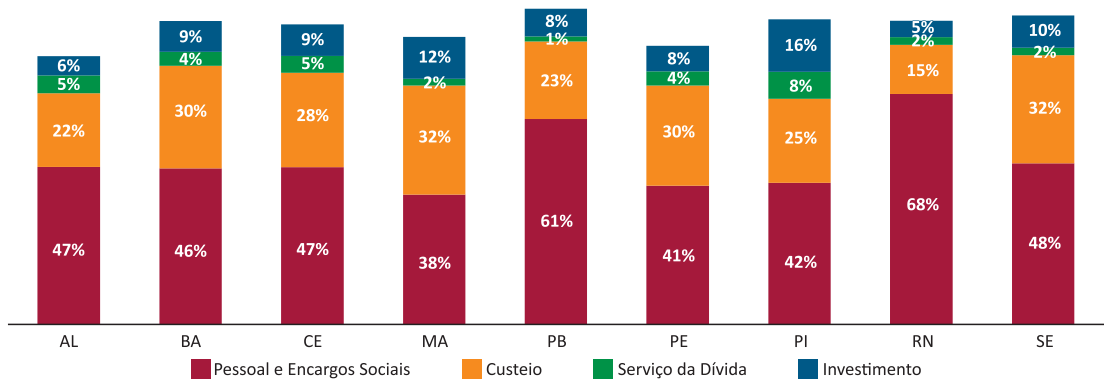


Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional (STN)

Em sentido contrário, a Paraíba registrou forte expansão das despesas, reduzindo sua margem fiscal, enquanto o Rio Grande do Norte manteve o quadro mais delicado da região, com gastos de pessoal consumindo 68% da receita total e baixa capacidade de investimento (Gráfico 9).

Os gastos com pessoal continuaram sendo o principal fator de pressão sobre os orçamentos estaduais. Nas funções públicas, destacaram-se os maiores níveis de aplicação em educação na Paraíba, em saúde em Pernambuco e em segurança pública em Alagoas, Ceará e Paraíba.

Gráfico 9 – Composição das Despesas em relação à Receita Total – 3º Bimestre de 2026 Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional (STN)



Fonte:

O terceiro bimestre de 2026 foi marcado pelo aumento da pressão fiscal sobre os estados nordestinos. O Maranhão apresentou o quadro fiscal mais favorável, enquanto o Rio Grande do Norte continuou enfrentando maior rigidez orçamentária. Embora o endividamento regional permaneça relativamente baixo, a trajetória da dívida do Piauí merece acompanhamento.

11.2 Variáveis Macroeconômicas – FOCUS

O Quadro 1 apresenta as expectativas do BNB/Etene para as variáveis macroeconômicas listadas, como subsídio ao Relatório Focus do Banco Central do Brasil na última semana de agosto/2026, bem como o comportamento em relação ao mês anterior.

Quadro 1 – BNB/Etene: expectativas de Variáveis Macroeconômicas para o ano de 2026 – base agosto/2026

VARIÁVEL	PIB (%)	R\$/US\$	IPCA (%)	IGP-M (%)	SELIC (%)	DESOCUPAÇÃO (%)
Última semana de julho	2,00	5,20	5,00	4,90	13,75	5,40
Em relação ao mês anterior	=	=	=	▼	=	▼

Fonte: BNB/Etene (2026).

OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Paulo Henrique Saraiva Câmara

DIRETORES

Ana Teresa Barbosa de Carvalho,
Antonio Jorge Pontes Guimarães Junior
José Aldemir Freire,
Leonardo Victor Dantas da Cruz,
Raimundo Vândir Farias Júnior e
Wanger Antônio de Alencar Rocha

ECONOMISTA-CHEFE:

Rogério Sobreira

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Allisson David de Oliveira Martins

Gerente de Ambiente

Liliane Cordeiro Barroso

Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas

Atividade Econômica Regional

Biagio de Oliveira Mendes Junior

Produção Industrial e Cenário Bancário

Liliane Cordeiro Barroso

Crédito

Allisson David de Oliveira Martins

Comércio Varejista e Serviços

Biagio de Oliveira Mendes Junior

Turismo e Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Índice de Preços e Cesta Básica

Antônio Ricardo de Norões Vidal e
Wellington Santos Damasceno

Economia Internacional

Allisson David de Oliveira Martins e
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Finanças Públicas

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Estagiários

Guilherme Miranda Soares

Samuel Alesxandro Apolinario Xavier

Projeto Gráfico

Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 Térreo - Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC): 0800 728 3030



**Banco do
Nordeste**